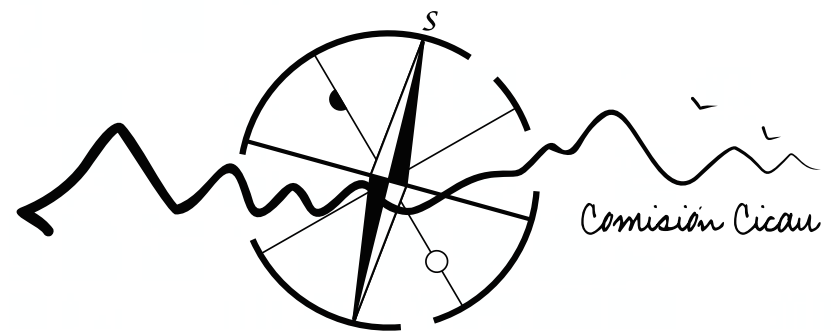


CONTEÚDO



ORIGEM E SUSTENTABILIDADE *DINERGIA*





TEMA

INTRODUÇÃO.

<O errante, ao buscar o estranho no cotidiano familiar, vai de encontro a esta alteridade e, assim, instaura o dissenso, que é precisamente o pressuposto básico que possibilita a constituição de qualquer esfera pública>
Berenstein, Paola Jacques. "Experiência errática", p. 192. In: Redobra n° 9. Salvador: UFBA, 2012

Na sociedade atual se estão produzindo mudanças importantes, tanto na escala global como na local. Ressalta a intensidade com que a sociedade é capaz de transformar o território buscando objetivos nem sempre louváveis, em que os interesses econômicos parecem justificar o injustificável. O enorme crescimento demográfico da segunda metade do século XX, as reservas limitadas de recurso, principalmente energéticos, e as exigências do capitalismo global nos conduzem a um certo pessimismo do qual é difícil sair.

Vivemos em um mundo em mudança que está em crise. Uma situação causada em parte por processos naturais catastróficos e, de modo geral, pela ação humana, impulsionada principalmente pelos interesses dos países desenvolvidos. Um cenário que alimenta todos os tipos de construção coletiva em termos de consciência e conhecimento, buscando uma orientação para novos modos e mudanças de paradigmas.

A complexidade do problema também desencadeia uma grande quantidade de estudos, trabalhos e verificação de hipóteses de disciplinas complementares para contribuir com a busca global de soluções; e deveria suscitar, na mesma medida, políticas de planejamento que permitissem avançar no quadro de prevenção e não tanto na correção, como sucede atualmente, especialmente quando a opinião pública é cada vez mais informada e sensibilizada.

Talvez, devido a tudo isso, o grande desafio é integrar o debate científico convocado a partir da Arquitetura e do Urbanismo, mas aberto a outras disciplinas com as medidas para a transformação da ordem política e econômica mundial. Essa mudança esperada no modelo econômico, para um crescimento holístico e sustentável, seria viável em uma sociedade que considere os custos físicos de reabastecimento do patrimônio natural para promover o uso de energias renováveis e reciclagem de materiais, e que também privilegie os modos de comportamento mais cooperativos e solidários, favorecendo novamente a diversidade de assentamentos e formas de vida sobre a face da terra.

Neste congresso pretendemos problematizar as relações compartilhadas pelos centros urbanos latino-americanos onde a segregação, a desigualdade, a especulação e as lógicas de mercado definiram os modelos da cidade e seus habitantes.

POR QUE ORIGEM

Neste cenário dinâmico e conflituoso, que é a roda que move o mundo, precisamos parar e nos perguntar: onde estamos? Quem fomos? Quem somos? E quem queremos ser? Neste girar há algo que nos esquecemos, mas somos capazes de pensar: somos corpo, consciência e espírito com memória e projeção para o futuro, necessariamente localizados aqui e agora, nos quais podemos decidir e dizer: aqui estamos, aqui habitamos.

É hora de caminhar para o sul em busca do esquecido, para nos encontrarmos com nosso território latino-americano. Esse território que foi, e continua a ser, arrebatado através da destruição do nosso patrimônio tangível e social, através de uma educação que legitima uma "origem" e não outras. Devemos caminhar em direção a cada canto da nossa terra natal, em busca de cada história que construa nossos valores, sentimento de pertencimento, identidade e transcendência. Encontrar nosso lugar no mundo.

POR QUE SUSTENTABILIDADE

Este congresso propõe questionar a que se refere e o que implica a sustentabilidade como um ato político e filosófico, não limitando-se a questões ambientais, mas colocando em discussão suas múltiplas abordagens, como as dimensões social, físico-espacial e político-econômicas, nos permitindo repensar a modos de habitar e projetar.

Nos permitimos, então, nos qualificar para as seguintes questões: o que a sustentabilidade implica? O que faz um ambiente verdadeiramente sustentável? Existe a sustentabilidade nas formas de conhecer? Existe sustentabilidade no habitar e no mundo construído? Podemos ousar dizer que a Sustentabilidade é tanto um ato político como filosófico? Podemos dizer que a nossa sociedade é sustentável?

POR QUÉ DINERGIA

“Muitas palavras referem-se ao processo de formação segundo o modelo de união de opostos, mas, embora seja estranho, nenhuma delas expressa seu poder generativo. Polaridade implica os opostos, mas não indica o nascimento de algo novo. Dualidade e dicotomia indicam a divisão, mas não aludem à união. Sinergia indica união e cooperação, mas não se refere especificamente aos opostos. Uma vez que não existe um único termo adequado para descrever este processo universal de criação com base em um modelo determinado, propomos uma nova palavra: dinergia, composta pelas palavras gregas "dia" (de um lado ao outro, através, oposto) e energia.

*(...) a energia criadora do processo que transforma as discrepâncias em harmonia,
permitindo que as diferenças se complementem mutuamente
(...) Tanto o compartilhamento quanto a dinergia são processos básicos de formação
segundo padrões que unificam as diversidades. A existência básica de unidade entre as
múltiplas diversidades é uma das observações mais antigas da humanidade.”
Doczi, György. El Poder de los límites: proporciones armónicas en la naturaleza, el arte y la
arquitectura. México, Editorial Pax, 2004*

Longe de ser uma teoria, um conceito ou uma idéia. Dinergia é uma maneira de, uma atitude, é movimento, uma alternativa. É a proposta de incluir os pólos opostos ao centro de discussão e permitir a possibilidade de um surgimento novo, autêntico, que esclarece. Este horizonte deve ser capaz de visibilizar diversos objetos de estudo, onde cada um com seu instrumento seja submetido à crítica com a busca de um edificar humano. E em base nessas construções do olhar, projetar novos futuros.

*“Quando compartilhamos nossas limitações com as de outros, como fazemos nas relações áureas entre vizinhos, complementamos nossas imperfeições à dos demais, criando assim a harmonia viva da arte da vida, comparável às harmonias criadas na música, na dança, no mármore, na madeira e na argila. É possível viver desse modo porque as proporções do compartilhamento recíproco, as proporções áureas da natureza, estão incorporadas em nossa própria índole, estão incorporadas em nossos processos básicos de formação de modelos da natureza, que deram forma à mão e à mente humana e podem continuar guiando tudo aquilo que a mão e a mente dão forma, desde que a mão e a mente sejam fiéis à natureza.”
Doczi, György. Ídem*

O compartilhamento acima mencionado vai algumas etapas além do reconhecimento do direito de ser diferente e do respeito aos vários coletivos culturais, e sugere um potencial na diversidade. Na inclusão, esboça uma hipótese otimista, a de uma convivência harmônica onde as categorias perdem o significado e a essência autêntica desse ser simbiótico é reinventada.

EIXOS TEMÁTICOS

Com o espírito de atender a abordagens que sejam o mais amplas possível para a participação de várias disciplinas, começamos por problematizar quais são as essências do habitar humanos. Nesse sentido, qualquer que seja o enfoque a partir do qual uma investigação é proposta, haverá sempre três focos possíveis: um sujeito que realiza uma ação, o efeito espacial do que ele realiza e o conhecimento que é produzido como resultado do reflexo dessa relação .

É por esse raciocínio que entendemos que o exercício projetual em sua qualidade criativa atende fundamentalmente a três esferas que formam o meio ambiente: um ambiente cultural caracterizado pelo habitar e seus modos, um ambiente espacial dado pelas conformações existentes e propostas e um ambiente epistêmico caracterizada pela produção de conhecimento a partir da relação entre práticas e o contexto onde elas ocorrem¹.

Existem inúmeros temas cujo eixo depende da abordagem com a qual elas são colocadas na investigação. Assim, por exemplo, temas de gestão e política podem pertencer a diferentes eixos se o foco for colocado na ordem do território e do habitat, na regulamentação das práticas sociais ou na própria experiência.

¹ Referencia de: Zárate, Marcelo. El lugar Urbano Deconstruido en Correspondencias y Congruencias entre Mente-Territorio-Sociedad

EIXO TRANSVERSAL / INICIAÇÃO CIENTÍFICA, INVESTIGAÇÃO PROJETUAL E TERRITORIAL

“A especificidade do conhecimento científico na modernidade é a ausência de certezas. (...)

A práxis, em termos de crítica e autocrítica, restaura e corrige a teoria mediante mecanismos de retificação e ratificação, alcançando uma crescente objetividade.”

*Pichon Rivière, Enrique. “El Proceso Grupal”,
“Aportaciones a la didáctica de la psicología social”: 1972*

Se apresenta o primeiro eixo, de caráter transversal à temática, que busca o seguimento de processos e metodologias de investigação focando na etapa inicial, onde o estudante enfrenta a prática da pesquisa e investigação, a qual consideramos de grande importância para sua formação profissional, como também as pesquisas vinculadas ao exercício profissional e à prática territorial. Pretende-se que o participante experimente uma perspectiva ampla no campo da pesquisa, estimulando a aprendizagem desde cedo à um sustento científico/projetual e de um olhar situado.

Visualizamos, em geral, a carência na formação de pesquisador do estudante, especialmente no começo de sua formação acadêmica e universitária, já que não se enfrenta esta problemática até as etapas finais ou posteriores à sua vida acadêmica. Situados nesta realidade, é que pretendemos propor as atividades do Congresso.

Adriana Barreiro² descreve a importância da posição do principiante na investigação, fundamental para evolução do sistema, o que começa com a audácia, a vitalidade e persistência, a partir de seu olhar inocente chega às perguntas de maior valor; é tão ou mais importante que o pesquisador já estabelecido, líder e de grupos de pesquisa. Também analisa significativamente o que é fundamental em uma fase de iniciação científica: a forma que tendemos a formar os pesquisadores. Observa-se que em outras

² Barreiro, Adriana. Aula Magna: Iniciación Científica, Complementación en la formación, I CICAU Montevideo, 2013

latitudes a formação em pesquisa se dá desde cedo, no entanto, em nossa região ocorre o contrário, logo ao avançar na profissão e obter um título, existem os mestrados, pós-graduações, etc. Isto responde a uma lógica de mercado da educação e essa questão acaba manipulando a formação acadêmica das pessoas.

Por isso, reivindicamos que a formação do aluno como pesquisador comece cedo, fundamentada em incentivar a incorporação do caráter crítico do estudante através da busca criativa, por meio da sua participação ativa no processo, localizado-o em um aqui e agora, capaz de pensar sobre o território como forma de pensar sobre nós mesmos e construir conhecimento situado, que expresse uma história, valores, significados e um território. O território é o espaço que se constrói, é a nossa expressão, é identidade. Ao falar de origem, é "onde estamos". O mais natural do humano é a sua territorialidade e não o território: a posse de algum entorno e não de um em particular.

O território nos forma e nos diz de onde viemos, olhar para o território latino-americano é olhar para nós mesmos. A arquitetura é um conhecimento que pode ser ensinado e aprendido. Embora isso possa parecer óbvio, não é no campo intelectual de arquitetos, porque ainda em uma elevada percentagem de cursos de graduação permanecem uma crença e uma história profundamente enraizada onde a marca da "inspiração" subjetiva e talento "natural" são fundamentais para a criação de arquitetura.

Nos interessados neste congresso entender os possíveis alcances de uma Investigação Projetual, considerando que o projeto corresponde à especificidade da arquitetura, onde a sua razão de ser é a conformação do habitat. O projeto em si se transformou em instrumento de mediação entre ser humano e obra construído. No entanto, autores como Jorge Sarquís³ consideram que o lugar atual do projeto, em uma encruzilhada cultural do textual, o visual e o material, levou à repetição de fórmulas e estereótipos, desafiando-nos a atualizar-nos e superar teorias, metodologias e técnicas. Neste ponto, é essencial avançar na construção do conhecimento, para poder compreender um mundo complexo e flutuante, a fim de cumprir um papel social mais alinhado com os nossos contextos.

³ Sarquís, Jorge. Investigación Proyectual: Historia de las teorías, los procedimientos y las técnicas.- Theorias, praxis y poiesis, Revista Area No 8, SYCIT, FADU, diciembre 2000.

É aqui que nos interessa a necessidade de gerar conhecimentos próprios da disciplina em um posicionamento territorial consciente dos alcances transformadores do projeto, entendido como atividade e produto que problematizam a evolução dos estilos de vida, os aspectos coletivos, as formas de organização espacial, os sistemas construtivos e as linguagens formais. O campo a partir do qual uma investigação projetual é proposta é inerentemente intra / inter / multi / transdisciplinar, uma vez que as contribuições de múltiplas abordagens, métodos e experiências são necessárias para estabelecer relações. No entanto, a investigação projetual não é um compêndio dessas relações entre disciplinas, pois corresponde dinamicamente ao seu próprio campo específico.

EIXO 1 / HABITAT SUSTENTÁVEL - Urbanismo, articulador de habitat..

Aqui, a técnica e a prática serão protagonistas. O Habitat corresponde à dimensão material concreta como manifestação de uma sociedade, quando esta se insere no território, o apropria e o transforma. É o articulador entre a forma e o conteúdo como parte da cultura, mas a partir de características que fazem com que uma configuração específica tenha sentido num recorte territorial. Estamos interessados em debater focando nos aspectos materiais do cenário em que nos movemos. A cidade é o material concreto que permite as articulações de um grupo humano, que expressa uma ordem, uma configuração territorial baseada em lógicas de produção, divisão e gestão.

Se manifesta em cada canto deste cenário uma forte injustiça social, onde o urbanismo, em vez de articular, é uma ferramenta de exclusão de setores situados em um modelo de especulação, que criou nossas metrópoles ou cidades latino-americanas, onde o desequilíbrio social, econômico e político tem sido a lógica que configura cada lugar em nossa América Latina.

As metrópole ou cidades latino-americanas se desenvolveram em diferentes contextos e situações decorrentes de crises ou períodos de abundância econômica, política e social.

“A nova Questão Urbana, as desigualdades sociais e seus modos de gerar formas evidentes de injustiça espacial, junto às consequências da mudança climática e aos problemas relacionados a uma concepção da mobilidade como parte integrante dos direitos da cidadania, representam um dos aspectos mais relevantes destes tempos. (...) A nova questão urbana passa ao primeiro plano: no começo da Revolução Industrial, ao passar da produção industrial do campo à cidade, da manufatura ao sistema de fábrica; quando a organização do trabalho fordista-taylorista constrói uma sociedade de massas (...) Destas crises a cidade tem saído, no passado, cada vez de forma diferente: em sua estrutura espacial, em seu modo de funcionar, na relação entre ricos e pobres e em sua imagem.”
Secchi, Bernardo. *A cidade dos ricos e a cidade dos pobres*. P. 22., Editorial Catarata, 2015,

Com o texto citado de Secchi, definimos mediante um conceito já criado, “a nova questão urbana”, para referirmos ao crescimento urbano mediante modos de produção ou fatores terceiros ao urbanismo. A criação e crescimento das cidades latino-americanas em sua maioria se devem a fatores econômicos, políticos, sociais e/ou de gestão? Estes crescimentos ou urbanizações são articuladores reais que levam a um desenvolvimento sustentável?

Se define o desenvolvimento sustentável como a satisfação “das necessidades da geração presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras para satisfazer as suas próprias necessidades”⁴. O desenvolvimento sustentável surgiu como o princípio orientador do desenvolvimento global a longo prazo. Composto por três pilares, o desenvolvimento sustentável procura alcançar, de forma equilibrada, o desenvolvimento econômico, o desenvolvimento social e a proteção do meio ambiente.

⟨Em 1992, a comunidade internacional se reuniu no Rio de Janeiro, Brasil, para discutir os meios de colocar em prática o desenvolvimento sustentável. Durante a chamada Cúpula da Terra, os líderes mundiais adotaram a Agenda 21, com planos de ação específicos para

⁴ Informe intitulado “Nuestro futuro común” de 1987, Comisión Mundial sobre el Medio Ambiente y el Desarrollo

alcançar o desenvolvimento sustentável a nível nacional, regional e internacional. Isto foi seguido em 2002 pela Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, que aprovou o Plano de Implementação de Joanesburgo. O Plano de Implementação baseou-se nos progressos realizados e nas lições aprendidas desde a Cúpula da Terra e proporciona uma abordagem mais específica, com ações concretas e metas quantificáveis com prazos e metas.

Em 2012, vinte anos após a histórica Cúpula da Terra, os líderes mundiais se encontrarão novamente no Rio de Janeiro para: 1) assegurar o compromisso político renovado com o desenvolvimento sustentável, 2) avaliar o progresso da sua má implementação no cumprimento dos compromissos já acordados, e 3) abordar desafios novos e emergentes.

A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, ou a Cúpula da Terra do Rio 20, incidirá em dois temas: 1) economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza e 2) o quadro institucional para desenvolvimento sustentável”.

Asamblea General de las naciones unidas, Resolución aprobada por la Asamblea General. 64/236. Ejecución del Programa 21 y del Plan para su ulterior ejecución, y aplicación de los resultados de la Cumbre Mundial sobre el Desarrollo Sostenible

O planejamento urbano está muito ligado ao Desenvolvimento, algo que já foi demonstrado pelo renomado filósofo e economista Amartya Kumar Sen, que em suas publicações fala sobre a cumplicidade da cidade em desenvolvimento. Procuramos velar pelas conjunções de uma nova questão urbana onde os diferentes fatores e a interdisciplinaridade sejam uma ferramenta fundamental na implicação de políticas públicas, que nos forneçam planejamentos para um habitat sustentável onde todos e todas possamos nos desenvolver e tomar as decisões que queremos tal qual a definição de desenvolvimento humano, procuramos um aprofundamento nas formas de habitat sustentável onde sabemos que devemos lutar por uma América Latina indomável a seu tempo, hoje contemporâneo.

EJE 2 / HABITAR SUSTENTÁVEL - Filhos de que? Filhos de quem?

<Desde o elemental, o ser humano pensa, raciocina e obtém o benefício dos elementos que dispõe para si mesmo. Se mantém numa constante busca de soluções, as quais se regem ao contexto onde pertencem. Neste contexto onde vive, tenta compreender o mundo que o rodeia e o porquê da sua existência. Daqui cria, funda, imagina e se projeta, conferindo significado às coisas, cria carinho por estas e sofre quando as perde, se define a si mesmo, constrói sua realidade.>

Comissão CICAU, "Habitar a Origem". Temática I CICAU Montevideu: 2016.

O Habitar é o que constrói cultura, em um contexto de especificidade histórica, cronotópica e de tradição. É na cultura onde se manifestam distintas práticas sociais e seus processos organizativos funcionais e simbólicos, ideológicos e de poder, representando a complexidade social e simbólica do lugar. O Habitar possui toda uma série de lógicas funcionais e significativas em diferentes ordens de complexidade, onde existem processos que regulam sua produção, desenvolvimento e significação. Esta lógica interna do habitar se manifesta em uma ou várias formas com um conteúdo que está dado pela especificidade contextual de inserção das práticas. Questionamos pelo cultural porque este se manifesta nas produções sobre o habitar tanto na política e sua influência em outras esferas como no social e o econômico.

Neste eixo são enquadradas as pesquisas enfocam nos habitantes e seu habitar, com seus aspectos sociais e políticos. É pertinente focar o olhar na relação do setor social, as práticas sociais com o seu meio físico-espacial, o lugar, sendo estas as que dão entidade e sentido ao mundo construído. Como Roberto Doberti⁵ ressalta, falar e habitar são capacidade e virtude do ser humano no mundo, são as duas formas de se nos relacionarmos com o outro e com o mundo, através do qual o ser humano cria cultura, cria significado e cria a si mesmo. Por esta razão, a cidade é o cenário compartilhado, onde se expressa uma população, um território e um tempo. Marina Waisman⁶ afirma que, quando o assunto se refere às cidades, os problemas sociais ocupam um lugar preponderante, pois o que se deve preservar,, transformar ou destruir não é apenas um fragmento do ambiente construído, mas um fragmento do tecido social.

⁵ Referencia de: Doberti, Roberto. Fundamentos de Teoría del Habitar. Buenos Aires, UMET 2014

⁶ Waisman, Marina. Arquiteta. (Buenos Aires, 1920 - Río Cuarto, 1997)

<Porque hemos creado una civilización en la que estamos, hija del mercado, hija de la competencia, que ha deparado un progreso material portentoso y explosivo, pero lo que fue economía de mercado ha creado sociedades de mercado y nos ha deparado esta globalización – que significa mirar por todo el planeta – y ¿estamos gobernando la globalización o la globalización nos gobierna a nosotros? ¿Es posible hablar de solidaridad y de que estamos todos juntos en una economía que está basada en la competencia despiadada? ¿Hasta dónde llega nuestra fraternidad? ... El desafío que tenemos por delante es de una magnitud, de carácter colosal, y la gran crisis no es ecológica, ¡es política! El hombre no gobierna hoy las fuerzas que ha desatado, sino que las fuerzas que ha desatado lo gobiernan al hombre. Y la vida. >
Mujica, J. Trecho del discurso en la Cumbre Rio+20, Rio de Janeiro: 2012

EIXO 3 / CONHECIMENTO SUSTENTÁVEL Resiliência, o despertar Latino-americano.

“O essencial não é aquilo que se fez do homem, mas sim aquilo que ele fez daquilo que fizeram dele”
Sartre, Jean Paul. Saint Genet: Comédien et martyr. Paris: Gallimard, 1952, p. 55.

A construção de conhecimento é a manifestação dos processos do pensamento, em constante problematização, atualização e transformação dos conteúdos que explicam as relações de como habitamos o habitat e como o habitat condiciona o nosso habitar, identificando recortes significativos e cronotópicos a partir do reconhecimento e apreensão da realidade. É nestes processos que se possibilitam as condições de acesso ao conhecimento.

Neste eixo os trabalhos devem abordar problemas de caráter teórico-conceitual sobre o que é a sustentabilidade no campo do conhecimento, o epistêmico. Ampliar o universo do saber, colocando em

crise a construção do conhecimento, compreendendo que somos sujeito de experiência e transformação, assim como também é o conhecimento. É importante nos concentrarmos na capacidade crítica do ser humano, hoje os modos de construir conhecimento em nossos âmbitos universitários são manipulados, e o pensamento crítico termina em segundo plano. Como estudantes em iniciação e no campo da problematização e da criação de saberes, há de termos presente o papel fundamental do pensamento crítico como impulsor de grandes transformações no campo do pensar e no campo do fazer.

<Porém, frente à opressão, à pilhagem ao abandono, nossa resposta é a vida. Nem os dilúvios nem as pestes, nem a fome nem os cataclismas, nem sequer as guerras eternas através dos séculos e séculos conseguiram reduzir a vantagem tenaz da vida sobre a morte.>
García Márquez, Gabriel. A solidão da América Latina, Discurso de aceitação do Prêmio Nobel, 1982

Historicamente marcados por duas grandes catástrofes das quais até hoje não se pôde superar, o genocídio ameríndio e a escravização e migração forçada de africanos, é possível identificar um denominador comum nos povos latino-americanos, fazendo um repasso histórico desde a colonização até os nossos dias.

De fato, podemos falar da América Latina numa abordagem a partir da resiliência, considerando-a como a capacidade de superar situações adversas, tanto políticas, como econômicas e sociais e, inevitavelmente, urbanas. Povos que ressurgem da adversidade. Ao longo da nossa história, diariamente nos encontramos na defesa de nossa própria identidade e, acima de tudo, da nossa liberdade.

Podemos entender a nós mesmos, latino-americanos, e às nossas cidades como territórios em constante resposta às adversidades. Quando se trata de cidades latino-americanas, territórios que em termos atuais podem ser definidos como dependentes ou em vias de desenvolvimento, a resiliência é imprescindível como forma de subsistência no mundo atual. Porém, em termos de urbanismo, enquanto se tenta atender problemáticas sociais, existe paralelamente um grande desenvolvimento destas cidades para a economia mundiais, sendo este um alto preço a pagar por viver em um mundo globalizado. Nos

vimos obrigados a incorporar em nossa paisagem aeroportos, centros comerciais e financeiros; nos adaptamos a uma forma de viver que pouco se relaciona com as nossas raízes e vimos nossas cidades se tornarem um pouco menos latino-americanas para serem um pouco mais globais, dependentes do sistema; nos equipando de todo o necessário para que os grandes polos financeiros sigam crescendo. Depende exclusivamente de nós despertar, acreditar na nossa identidade e possibilitar nossa liberdade.

Reafirmamos que vivemos em uma América que luta, uma América-Latina que não a queremos mercantilista e sim engajada ao seu povo, onde a resiliência e o despertar serão o impulso e o desenvolvimento de cada latino-americano. Construir desde a interdisciplinaridade uma América-Latina forte que se conheça e se reconheça, onde nossa cultura não seja um produto de aculturação, mas será o nosso pavilhão, nosso patrimônio, tornará a cidade, o Habitat e o Habitar sustentáveis, reivindicaremos utopias, levantaremos bandeiras pela América-Latina, já que, citando a José Martí: “fazer é a melhor maneira de dizer”.

É na encruzilhada entre Origem, Sustentabilidade e Dinergia, que nos questionamos pelas particularidades do fenômeno social, político, ético e estético, que supõe as implicações do exercício das disciplinas projetuais. Sentimos a necessidade de nos perguntarmos como compreendemos a sustentabilidade, não apenas a partir da matriz ecologista (da qual é comum se associar), mas desde perspectivas diversas. Por isso, expomos as seguintes questões, como se fossem “vozes” que alimentarão o debate sobre o futuro dos assentamentos latinoamericanos em todas suas escalas.

COMO UMA SEMENTE

Sendo conscientes da nossa limitada existência, essa voz sugere manifestar que quando se pretendem transformações sociais profundas, as ressonâncias das primeiras metamorfoses revelam certo incômodo e desconfiança, mas sua continuidade gera um ressurgimento de novos estados e, porque não, de novos obstáculos a superar. Neste sentido, a tarefa fundamental de preparar o terreno seria uma analogia ao esclarecimento de nossas memórias com um firme caráter crítico para os nutrientes que contribuem para esse projeto de sociedade. A semente implica reconhecer-nos como um corpo desejável (em suas distintas escalas), situado e simbólico, evolutivo e dinâmico. De onde viemos? O que nossas origens fazem à sustentabilidade?

AYNI, PRINCÍPIO DE RECIPROCIDADE

Ayni faz referência a uma vontade solidária de coordenar esforços coletivos com um objetivo em comum. Historicamente, nas comunidades indígenas andinas, era um dever cooperar e participar das atividades de interesse comunitário, como as obras de infraestrutura, que transcendem os benefícios individuais. Atualmente, essas atividades são associadas como não retribuíveis, no entanto,

conceitualmente, este princípio propõe uma troca, não no sentido comercial, mas em um sentido mais amplo, onde o benefício pode ser tanto físico como metafísico. Esses modos ou práticas se sustentam apesar de um sistema econômico rigorosamente materialista e classista, porque formam parte importante do nosso habitar latinoamericano, do qual diversos grupos estão dispostos a oferecer tempo, energia e matéria. Essas contribuições são detectadas onde sua sustentabilidade manifesta a necessidade e propõe maneiras distintas de realizar troca de conhecimento, dignidade, tranquilidade e a alegria de crer que é possível um mundo melhor. O poder para construir espacialidades dignas e apropriadas pelos povoadores, resolvendo necessidades específicas. Gerando um crescimento material e intelectual, resulta urgente nesta atitude dinérgica, onde a transdisciplinaridade, o atravessamento de classes sócio-econômicas e as distintas ideologias cooperem para uma construção coletiva autêntica.

UMA DOSE DE UTOPIA

< Ela está no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se distancia dois passos. Caminho dez passos e o horizonte se distancia dez passos. Por mais que eu caminhe, nunca a alcançarei.

Para quê serve a utopia então? (...) Para isso serve, para caminhar.>

Texto ajustado por Eduardo Galeano baseado na resposta de Fernando Birri durante a Conferência de ambos na Universidade de Cartagena de Índias..

Para poder gerar um mundo onde caibam todos, é necessário entender que há o outro, que é distinto de mim, mas que habita o mundo comigo. Para isso, precisamos repensar as conformações espaciais existentes, conscientes de que o que é agora um fato, em algum momento, foi um sonho.

É então que, para dar sentido ao nosso design, ao nosso exercício projetual, é necessário perguntar-nos: é possível gerar um mundo onde todos os mundos se encaixam? E, no caso de ser, quais as medidas que devem ser tomadas para conseguirmos? O que queremos mudar? É necessário repensar as conformações da esfera pública, de modo que se torne um instrumento de reivindicação, afirmação e expressão da cidadania. De que maneira fazemos a cidade e para quem a estamos fazendo?

CONTATO

comisioncicau@gmail.com
bit.ly/CICAU18

AR Maira Amaya Gatica / FAUD UNSJ
AR Marcelo Gomez / FAUD UNSJ
AR Matías Villafañe / FAUD UNSJ
AR Natalia Martín / FAUD UNSJ
AR Ignacio Moreno / FAUD UNSJ
AR Rodrigo Garay / FAUD UNSJ
AR Rocío Sevilla / FAUD UNSJ
BR Luana Pedrosa / Centro Universitário SENAC
BR Marina Frúgoli / FAU USP
PY Álvaro Iparraguirre / FADA UNA
PE Edgar Raúl Sallares / Universidad Privada de Tacna
PE Carlos Caspino Espinosa /UNSAAC
UY Maximiliano Di Benedetto / FADU U de la R
UY Cecilia Maggi / FADU U de la R